

O DESEJO DO PSICANALISTA E A INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA

Jacques Lacan, desde seu retorno a Freud, buscou articular a dimensão da prática psicanalítica e a teoria decorrente dela. É justamente aí que podemos ver a singularidade de seu ensino. A força de seu trabalho conceitual se origina antes de tudo da incidência constante de sua prática. Esses dois aspectos, o da práxis e o da teoria psicanalítica, Lacan os denomina como psicanálise em intenção e psicanálise em extensão. A psicanálise em extensão sustenta no exterior a existência da psicanálise em intenção, que é a que possibilita a experiência, singular de cada analisante. No processo de análise onde cada analisante faz sua entrada pela transferência amorosa, a função do analista enquanto sujeito suposto saber sustenta o processo a partir do que Lacan designa como desejo do analista. O desejo do analista designa uma função: uma função que se origina a partir de uma estrutura particular propícia a dar sustentação a um tipo de discurso que Lacan chama de discurso do analista.

O discurso do analista faz do trabalho analítico, causa do sujeito do inconsciente, assim como da produção desse significante absolutamente necessário ao gozo da vida (ao saber viver, saber-fazer, ao saber dizer) que o sujeito neurótico lastima não ter. O discurso do analista põe em movimento um trabalho que faz passar ao significante algo do real. É o que Lacan desenvolve no Seminário 17 "O avesso da Psicanálise" onde o conceito de discurso foi articulado ao laço social. O discurso implica o agente e o outro, este não redutível ao semelhante, discurso que também se escreve com os três registros: do real, do simbólico e do imaginário.

Lacan dizia que a psicanálise é o tratamento que se espera de um psicanalista. O que se espera diz, é que o analista faça funcionar seu saber em termos de verdade. E é por isto mesmo que ele se confirma num semi-dizer. Se há analista e o que funda a psicanálise é que houve no ponto de partida, um analista, há chance de que a psicanálise se transmita. Ao mesmo tempo a psicanálise não se reduz ao

campo da intenção já que análise de cada um comporta e traz seus efeitos no mundo, sua extensão. Contemporânea à invenção do inconsciente sempre houve a preocupação de Freud e Lacan com o ensino desse novo saber que precisa da instituição para que se propague um discurso: o do Psicanalista.

A particularidade da transmissão da psicanálise é que ela se realiza de um sujeito a outro, no entanto como Freud o indicara, o ensino teórico não é suficiente para se ter alguma aproximação ao que é da ordem do inconsciente. O sujeito deve experimentar a psicanálise, segundo a expressão de Freud: na sua própria carne. Como poderia ser de outra maneira em se tratando de um saber que afeta o corpo e que por isso mesmo implica uma dimensão de Gozo? Freud e Lacan insistem nisso, que só passando pela experiência de uma análise é que o sujeito terá a convicção do inconsciente. Então nesse sentido, poder advir à posição do analista implica um ato, em que toca um ponto de certeza, que provoca uma radical modificação da relação ao Outro e ao saber.

Se isto vale para qualquer um, qualquer homem não se dispõe ao lugar impossível do analista. O convite, insistente que a transferência oferece ao gozo, requer *in-extremis* o dispositivo que o delimita. Pois o analista é aquele que em sua práxis suspende o gozo para não ceder em seu desejo. Desejo de analista. Então se alguém se dispõe a sustentar o lugar de analista, seu desejo - O do analista - será ao mesmo tempo razão de eficácia e limite ético de sua função. Como se articula o desejo do analista com a Instituição já que o analista em sua formação aponta na sua origem para a Instituição como lugar de transmissão? Como produzir um lugar instituinte onde se possa pretender manter vivo, na tentativa impossível da transmissibilidade, o desejo do analista enquanto movimento de extensão?

Uma instituição psicanalítica não é necessariamente uma escola que garanta que alguém proceda de sua formação, mas ela

pode, por outro lado, atestar que um de seus membros situe sua relação com a prática e com a pesquisa teórica no interior do ensino e da ética que ela sustenta. Isso se torna possível na medida de seu engajamento efetivo no trabalho que faz avançar a Instituição. Estes avanços estão principalmente ligados à transmissão e reinvenção, que são os dois tempos da psicanálise em intenção e extensão. Nesse sentido é fundamental que os analistas possam trabalhar para produzir uma estrutura institucional que se deixe marcar pelo próprio paradigma da psicanálise: um saber que não se sabe, e de uma estrutura que é da ordem do não-todo.

Lacan nos mostrou que o campo do sujeito se instaura a partir da barra no Outro, do furo que vem despertar o sujeito do entorpecimento pelo gozo, tirando-os da posição de fascínio e servidão. Aí há um campo demarcado por um tempo lógico, recortado da estrutura do discurso, onde se opera ao mesmo tempo o saber da morte, do sexo, e o artifício criador de novas formas. Isso quer dizer que operando desse lugar, o sujeito produz o novo, e não apenas reproduz o mesmo. Operando dessa posição que é antes de tudo uma posição ética, o sujeito não cede de sua própria experiência, de sua própria captura pela verdade — verdade não-toda, mas aberta ao não-saber.

Se como nos diz Lacan, um analista é algo que se produz numa análise, quer dizer então que aí se produz uma diferença na posição do sujeito diante do Outro, que ao ser barrado se torna inconsistente como necessário. Porém, por outro lado, se estabelece uma relação com esse outro, representado pela instituição como contingente, pedindo então que a analista se torne um trabalhador decidido, identificado com a causa do desejo, desejo que pede mais trabalho que, por sua vez, pode se construir

num percurso que vai da transferência amorosa à transferência de trabalho. Trabalho que por sua vez provoque um efeito de pesquisa concernente aos enigmas da psicanálise. No interior de uma instituição é possível participar e testemunhar algo que provoque efeitos de trabalho. Inclusive podemos pensar que esse é um dos aspectos do desejo do analista. A transferência de trabalho é o que é necessário para que alguém possa ouvir uma palavra desagradável de uma pessoa sem se revoltar com isso, quer dizer, ser surpreendido pelo que o outro diz, a ponto de lhe prestar atenção. Prestar atenção ao que o outro diz implica acreditar que o que o outro diz tem sentido e que há alguma coisa a aprender disso. Atribuir saber ao que ele diz, é já uma marca da transferência. Dessa forma podemos ir construindo com outros alguns artifícios e novas formas de trabalhar em relação a esse mal-estar que emerge de quando em quando. Num lugar onde a proposta de transmissão é fundamental, o desejo do analista deverá estar na base dessa complexa operação de transmissão da psicanálise.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. O seminário, livro 11: *Os quatros conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
_____. O seminário, livro 17: *O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
_____. Proposição de 9 de outubro 1967. In: *Escritos*. Perspectiva, 1978.
_____. Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Perspectiva, 1978.

Alberto Philippi May

Psicanalista, membro da Trieb – Espaço de Psicanálise.